

MAIS EMPREGO NO CAMPO NA SAFRA AGRÍCOLA PAULISTA DE 2002¹

Maria Carlota Meloni Vicente²
Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco³

1 - INTRODUÇÃO

Estudos recentes sobre ocupação da mão-de-obra na agricultura, relativos ao período 1995-2002, mostraram tendência levemente declinante da ocupação em contrapartida ao crescimento do valor da produção das atividades agropecuárias. No período considerado, o valor da produção agropecuária paulista, em valores reais de 2002, cresceu à taxa média anual de 4,84%⁴.

Ao longo do período 1995-02, a taxa de crescimento da ocupação da mão-de-obra foi de -0,06% ao ano. Paralelamente ao dinamismo do setor, tem ocorrido a incorporação de novas tecnologias, sobretudo na operação de colheita, elevando a produtividade do trabalho na agricultura. Ao se considerar a relação entre o valor da produção anual e o total de pessoas ocupadas na agropecuária, como indicador da produtividade do trabalho, em 1995, cada trabalhador ocupado respondia por R\$12,5 mil do valor da produção, enquanto em 2002 esse valor passou para R\$16,4 mil, ou seja, um crescimento de 31,2%. Portanto, a taxa de crescimento da produtividade do trabalho foi de 4,8% ao ano⁵.

Vicente e Martins (2003)⁶ analisaram a

evolução da produção agrícola paulista no período 1995-2001, apontando crescimento de 15,0% na quantidade produzida, na qual a produção das lavouras aumentou em 11,5% e a produção animal em 21,8%. A produtividade parcial do trabalho aumentou 20,9% no mesmo período, situando-se sempre acima da do ano-base. Os autores salientaram que, a partir de meados dos anos 90s, com a implementação do Plano Real e a intensificação do processo de abertura de mercado, a agricultura brasileira passou a conviver com uma nova realidade e com outros desafios. De um lado, o controle da inflação e a conseqüente diminuição das incertezas tornaram possível o planejamento mais racional das atividades produtivas, e a elevação de renda real obtida por diversas camadas da população, proveniente da extinção do imposto inflacionário, elevou a demanda por produtos agrícolas. Por outro lado, a sobrevalorização cambial, mantida até o final de 1998, diminuiu os preços relativos de mercadorias agrícolas produzidas em outros países, que passaram a competir diretamente com a produção nacional.

Nesse novo cenário, marcado pelo desafio da competitividade, os produtores rurais se modernizaram para sobreviver aos baixos preços e às oscilações de mercado. Buscaram tecnologias disponíveis nos centros de pesquisa e se adaptaram às novas práticas de mercado.

Diante do panorama econômico atual, em que São Paulo é o principal Estado produtor agrícola, respondendo por 15,6% do valor da produção agrícola nacional em 2000⁷, é relevante acompanhar a evolução do mercado de trabalho no rural paulista, com o intuito de proporcionar elementos de decisão para a implantação de projetos e programas para o desenvolvimento setorial.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo

¹As autoras agradecem à estagiária Luciana Barboza Carnevalli e ao Analista de Sistema Arnaldo Lopes Júnior.

²Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: carlota@iea.sp.gov.br).

³Estatístico, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: veralfrancisco@iea.sp.gov.br).

⁴MARTIN, N. B. **Valor final da produção paulista em 2002 foi de R\$ 20,93 bilhões**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2003.

⁵VICENTE, M. C. M. **Valor da produção e mercado de trabalho na agricultura paulista, 1995-2002**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2003.

⁶VICENTE, J. R.; MARTINS, R. **Produção, produtividade e relações de troca da agricultura paulista, 1995-2001. Informações Econômicas**, São Paulo, v.33, n. 5, p. 34-38, maio 2003.

⁷TSUNECHIRO, A. **Valor da produção agropecuária dos principais estados brasileiros em 2000. Informações Econômicas**, São Paulo, v. 32, n. 11, p. 27-38, nov. 2002.

é apresentar tanto indicadores sobre o mercado de trabalho rural paulista, no período 2000-02, analisando a ocupação em atividades agrícolas e não-agrícolas, quanto o comportamento dos salários rurais.

2 - EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO NA AGRICULTURA PAULISTA, 2000-02

Para estimar o total de pessoas ocupadas nas atividades rurais do Estado de São Paulo, a atual amostra probabilística é composta por 3.204 Unidades de Produção Agropecuária (UPAs)⁸ e foi sorteada com base no cadastro obtido no Censo Agropecuário realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) por meio do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e conhecido por Projeto LUPA⁹. O detalhamento do levantamento atual sobre demografia e mão-de-obra, realizado pelo IEA e pela CATI consta em Vicente et al. (2001)¹⁰. Os levantamentos são realizados em junho e novembro¹¹.

Em novembro de 2000 foram ocupadas 1.310,4 mil pessoas na agricultura paulista, sendo 43,2% residentes nas UPAs. Do total de residentes (565.782 pessoas), 40,1% corresponderam a proprietários e familiares (227.147) e 45,3% a assalariados (256.516 pessoas, incluindo administradores). Parceiros e familiares (47.991), arrendatários (13.621) e outros (20.507) corresponderam aos 14,6% restantes. A maior parcela de trabalhadores ocupados nas atividades agrícolas, 56,8%, não reside nas UPAs, incluindo-se, neste caso, os trabalhadores volantes (268.473 pessoas). Somando-se as participações relativas dos assalaria-

dos permanentes não-residentes e dos volantes obtêm-se 70,9% do total. A seguir, com 22% do total ocupado e 163.899 pessoas, aparece a categoria de proprietários e familiares (Tabela 1).

Em 2001 foram observados decréscimos tanto em junho quanto em novembro, relativamente a novembro de 2000. Os percentuais de queda foram de 9,6% de junho de 2001, em relação a novembro de 2000, e de 3,1% de novembro de 2001 em relação a junho de 2001, com diferentes impactos, dependendo da categoria de trabalho. O número de trabalhadores residentes nas UPAs passou de 565,8 mil, em novembro de 2000, para 529,7 mil em junho de 2001 e para 509,8 mil em novembro de 2001, ou seja, decréscimo de 9,9% no período considerado. Houve redução do emprego da categoria de assalariados de 12,7% e de 15,0% em junho e novembro de 2001, respectivamente, em relação a novembro de 2000, e crescimento absoluto e relativo das categorias de arrendatários e outros.

O número de trabalhadores não residentes decresceu em 12,1% de novembro de 2000 para junho de 2001 e 2,6 % em novembro de 2001 com relação a junho de 2001. De forma semelhante ao trabalho residente nas UPAs, parceiros são mais representativos em junho. De modo geral, a ocupação de todas as categorias de não residentes apresentou tendência declinante no período considerado.

Levando-se em conta o comportamento das safras agrícolas do Estado de São Paulo de 2000 e 2001, contribuíram positivamente para a ocupação de mão-de-obra cana-de-açúcar, grãos e oleaginosas e frutíferas, tais como, uva e abacaxi. Apresentaram situação menos favorável em 2001, em termos de produção, fruticultura em geral, laranja e café¹².

Em relação a 2001, os indicadores de ocupação e emprego agrícola em 2002 foram positivos. Efetuando-se a média anual (levantamentos de junho e novembro) das pessoas ocupadas em 2001 e em 2002, obtiveram-se valores de 1.165.411 e 1.209.705 pessoas, respectivamente, portanto, um crescimento de 3,8%. Algumas observações podem ser feitas quanto à ocupação das diferentes categorias de trabalho.

⁸A unidade amostral consiste na UPA (Unidade de Produção Agropecuária), que, na maioria dos casos, coincide com o conceito de imóvel rural.

⁹O novo delineamento amostral encontra-se descrito em FRANCISCO, V. L. F. dos S.; PINO, F. A. Estratificação de unidades de produção agrícola para levantamentos por amostragem no estado de São Paulo. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 4, t. 1, p. 79-110, 2000.

¹⁰VICENTE, M. C. M.; et al. Ocupação e emprego rural paulista, 1999-2000. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 10, p. 7-17, out. 2001.

¹¹Esses meses são importantes para o emprego agrícola, pois são realizadas as colheitas das culturas perenes, grandes empregadoras de mão-de-obra. Até 1999, os levantamentos eram efetuados em fevereiro, abril, junho, setembro e novembro.

¹²Um maior detalhamento da ocupação e do emprego agrícola em 2001, face ao comportamento da safra, foi apresentado em VICENTE, M. C. M.; FRANCISCO, V. L. S.; BATISTELLA, C. S. L. Mercado de trabalho no rural paulista, 2000-2001. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 32, n. 9, p. 55-61, set. 2002.

TABELA 1 - Estimativa da População Trabalhadora Residente e Não-Residente nas UPAs, Estado de São Paulo, Novembro de 2000 a Novembro de 2002

Residente	Novembro de 2000		Junho de 2001		Novembro de 2001		Junho de 2002		Novembro de 2002	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Proprietário ¹	227.147	40,1	250.343	47,3	215.894	42,4	241.804	44,7	235.381	41,1
Administrador	21.201	3,7	-	-	18.965	3,7	-	-	25.420	4,4
Arrendatário ¹	13.621	2,4	22.093	4,2	17.074	3,3	20.535	3,8	21.490	3,8
Parceiro ¹	47.991	8,5	51.708	9,8	34.700	6,8	56.597	10,5	38.700	6,8
Assalariado ²	235.315	41,6	205.535	38,8	200.263	39,3	222.371	41,1	234.152	40,9
Outros	20.507	3,6	-	-	22.885	4,5	-	-	17.729	3,1
Subtotal	565.782	100,0	529.679	100,0	509.781	100,0	541.307	100,0	572.872	100,0
Não-residente	Novembro de 2000		Junho de 2001		Novembro de 2001		Junho de 2002		Novembro de 2002	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Proprietário ¹	163.899	22,0	160.440	24,52	153.011	24,02	156.663	25,4	174.506	25,4
Arrendatário ¹	40.300	5,4	27.499	4,20	33.232	5,22	29.718	4,8	37.573	5,5
Parceiro ¹	12.828	1,7	15.456	2,36	13.629	2,14	18.383	3,0	18.473	2,7
Assalariado ²	259.159	34,8	255.174	39,00	207.664	32,60	160.987	26,1	200.143	29,1
Volante	268.473	36,1	195.720	29,91	229.536	36,03	251.904	40,8	256.880	37,4
Subtotal	744.659	100,0	654.289	100,0	637.072	100,00	617.655	100,0	687.575	100,0
Total	1.310.441	-	1.183.968	-	1.146.853	-	1.158.962	-	1.260.447	-

¹Engloba os familiares que auxiliam no trabalho.

²Engloba administrador, mensalista, diarista, tratorista, etc.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

Efetuada-se as médias anuais por categoria, verifica-se boa recuperação do emprego assalariado, com crescimento de 23,1% em 2002. A seguir aparecem os parceiros e arrendatários, com aumento na ocupação de 10,3% e de 7,3%, respectivamente. Proprietários e familiares apresentaram menor percentual de crescimento, ou seja, 2,3%. Há que se mencionar, também, que a ocupação da mão-de-obra residente apresenta diferenças nos meses de junho e de novembro, pois proprietários, parceiros, arrendatários e seus familiares são mais requisitados em junho, época de colheita de café.

Os indicadores de ocupação de trabalhadores não-residentes (médias anuais) foram positivos para todas as categorias em 2002, exceto assalariados (decréscimo de 22,0%), com maior destaque para parceiros (26,7%), volantes (19,6%) e arrendatários (10,8%). Proprietários e familiares apresentaram menor percentual de crescimento, 5,7%.

O comportamento do mercado de trabalho está associado, dentre outras variáveis, ao desempenho da safra agrícola. É também reflexo do calendário das atividades de plantio, tratamentos culturais e colheita dos principais cultivos.

A comparação das informações sobre

as safras agrícolas do Estado de São Paulo de 2001 e 2002 mostrou comportamento menos favorável em 2002 na produção de alguns produtos do grupo de grãos e oleaginosas: algodão (-14,4%), amendoim das águas e da seca (-9,1% e 33,4%, respectivamente), arroz (-9,5%), feijão da seca (-16,2%), mamona (-50,8%) e milho safrinha (-17,0%). Cresceram de forma mais marcante, as produções de soja e soja safrinha (17,0% e 24,6%, respectivamente), trigo (19,3%), feijão das águas e de inverno (18,5% e 5,5%, respectivamente) e milho (4,3%), apesar da redução de 3,9% na área plantada).

Para o conjunto das frutíferas, os dados sobre previsão e estimativas de safras indicaram aumento nas produções de mamão Havaí (167,1%), pêssego para mesa (27,3%), manga (11,0%), caqui (10,8%), murcote (10,0%), limão (5,2%), banana (4,1%) e uva comum para indústria (2,1%). Outras frutíferas registraram reduções, tais como: goiaba para mesa (-20,4%), figo para mesa (-15,4%), mexerica (-11,4%), abacate (-6,6%), abacaxi (-5,7%) e poncã (-2,5%). No caso da olericultura, foram observados acréscimos nas produções de tomate rasteiro e envarado (29,9% e 11,4%, respectivamente), batata (12,8%), cebola de muda (58,8%) e de soqueira (18,7%). Ainda

merece destaque o aumento da produção de coágulo de borracha (7,5%), por ser a seringueira, da mesma forma que a fruticultura e a olericultura, atividade bastante intensiva em trabalho humano¹³.

As culturas de café e laranja apresentaram acréscimos na produção de 60,3% e de 10,2%, respectivamente. Na safra anterior, a produção de café foi afetada pela ocorrência de geada em 2000 e seca na época da florada. Na laranja, os fatores desfavoráveis em 2001 foram a erradicação de pés e a perda de parte da produção nos pomares, por problemas diversos em 1999 e 2000. A área com cana-de-açúcar (para indústria) aumentou em 3,6%, enquanto a produção cresceu 5,5%.

O comportamento favorável de importantes culturas empregadoras de mão-de-obra, como cana-de-açúcar, laranja e, com maior destaque, café, constituiu fator preponderante para o crescimento da ocupação e do emprego agrícola na safra 2002.

Além dos efeitos das variações na pauta de produção agrícola sobre o emprego da mão-de-obra de um ano para outro, há que se mencionar, também, os efeitos de substituição entre atividades. Veiga (2003)¹⁴ quantificou os movimentos de ocupação de solo no período compreendido entre os triênios 1996-98 e 1999-01, com base em formulação que permite identificar os efeitos escala e substituição do sistema de atividades agropecuárias e florestais que competem entre si por área no Estado de São Paulo.

Relativamente às atividades em si, a estimativa sugere que são substituidoras: cana-de-açúcar, feijão, frutas, mandioca, milho, seringueira e soja; enquanto são atividades substituídas: algodão, amendoim, arroz de sequeiro, hortaliças, café, cana para forragem e laranja.

A participação da população trabalhadora feminina residente nas UPAs é obtida no levantamento de novembro. Ao longo do período 2000-02, permaneceu em torno de 27% do total ocupado. Proprietárias e familiares representaram 59% do total ocupado, vindo a seguir as assalariadas, com 20,6% e 21,26%, e as parceiras com 8,8% e 9,2%, em 2001 e 2002, respectivamente.

Comparando-se 2001 e 2002, a ocupação feminina aumentou em 5,8%, com crescimento absoluto em todas as categorias pesquisadas, exceto na categoria outros (Tabela 2).

A ocupação das trabalhadoras volantes apresenta maior oscilação durante o ano em decorrência da sazonalidade inerente ao trabalho temporário. Em novembro de 2000, a participação feminina na categoria volante foi de 13% (34.921 mulheres). Em novembro de 2001 (43.686 mulheres) houve crescimento absoluto na ocupação em comparação a junho de 2001 (26.516 mulheres). A participação relativa das trabalhadoras na ocupação passou a 19%. Na safra 2002, o mês de junho foi mais importante para o trabalho feminino, com 48.883 mulheres ocupadas (19,4% dos volantes). Em novembro de 2002, totalizaram 47.343 mulheres, o que resultaria, em termos de média anual, um crescimento de 37,1% em 2002 comparativamente a 2001.

A evolução da ocupação de trabalhadores com menos de 15 anos também pode ser observada no levantamento de novembro. O total de menores de 15 anos residentes nas UPAs paulistas, nas atividades agrícolas, foi maior em novembro de 2002 quando comparado ao ano anterior, com aumento de 20,2% no total de pessoas e participação relativa na ocupação de 5,4% (em novembro de 2001 correspondia a 4,0%). Familiares do proprietário permanecem com maior peso no emprego. O número de trabalhadores com menos de 15 anos, não-residentes nos imóveis, cresceu bem menos, passando de 12.259 pessoas em 2001 para 12.551 em 2002 (Tabela 3)¹⁵.

Na relação de trabalho familiar (proprietários, arrendatários e parceiros) são maiores as facilidades em conciliar o trabalho e a escola. O mesmo pode não ocorrer quanto ao trabalho assalariado, notadamente o volante em épocas de colheita. Nessa situação, é comum o abandono da escola. As evidências são de que as crianças

¹³ANUÁRIO DE INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS DA AGRICULTURA: Anuário IEA 2001 e 2002. São Paulo: IEA, 2002 e 2003. (Sér. inf. estat. agric. v. 13 e 14).

¹⁴VEIGA, A. A. **Mudanças na composição das atividades agrícolas em São Paulo: conflito ou ajuste?**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2003.

¹⁵Há uma marcante tendência de decréscimo do nível de ocupação da força de trabalho infantil desde o início da década de 1990. Além dos fatores inerentes à reorganização da produção agrícola, em que culturas com representativa utilização de mão-de-obra infantil, como, por exemplo, algodão, apresentaram redução de área cultivada e/ou adotaram a motomecanização das colheitas, a intensificação das campanhas contra o trabalho infantil foi decisiva para minimizar a ocupação em importantes cultivos como cana-de-açúcar, café e laranja.

TABELA 2 - Estimativa da População Trabalhadora Residente nas UPAs, por Categoria e por Sexo, Estado de São Paulo, 2000-02

Categoria	Novembro de 2000				Novembro de 2001			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Proprietário ¹	146.245	38,2	80.902	59,1	138.846	41,1	77.048	59,0
Arrendatário ¹	10.348	2,7	3.273	2,4	11.856	3,5	5.218	4,0
Parceiro ¹	32.988	8,6	15.003	11,0	23.262	6,9	11.438	8,8
Assalariado ²	180.019	47,0	30.310	22,1	151.257	44,7	26.897	20,6
Outros ³	13.111	3,4	7.396	5,4	12.844	3,8	10.041	7,7
Total	382.711	100,0	136.884	100,0	338.065	100,0	130.642	100,0

Categoria	Novembro de 2002			
	Homens		Mulheres	
	Número	%	Número	%
Proprietário ¹	154.303	41,0	81.078	58,6
Arrendatário ¹	13.285	3,5	8.205	5,9
Parceiro ¹	25.971	6,9	12.729	9,2
Assalariado ²	172.462	45,8	29.277	21,2
Outros ³	10.743	2,9	6.986	5,1
Total	376.764	100,0	138.275	100,0

¹Engloba os familiares que auxiliam no trabalho.

²Engloba mensalistas e diaristas.

³Engloba trabalhadores que não se encaixam nas categorias acima.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

TABELA 3 - Estimativa de Trabalhadores na Ocupação Agrícola nas UPAs, Menores de Quinze Anos, Estado de São Paulo, 2000-02

Residente	Novembro de 2000		Novembro de 2001		Novembro de 2002	
	Número	%	Número	%	Número	%
Proprietário	18.464	60,3	14.710	62,7	14.488	51,4
Arrendatário	86	0,3	582	2,5	3.146	11,2
Parceiro	5.114	16,7	1.171	5,0	1.099	3,9
Assalariado	4.567	14,9	4.146	17,7	5.690	20,2
Outro	2398	7,8	2.855	12,2	3.769	13,4
Subtotal	30.629	100,0	23.464	100,0	28.192	100,0

Não-residente	Novembro de 2000		Novembro de 2001		Novembro de 2002	
	Número	%	Número	%	Número	%
Proprietário	7.424	36,1	4.546	37,1	4.135	32,9
Arrendatário	4.354	21,2	2.068	16,9	2.245	17,9
Parceiro	3.237	15,7	203	1,7	1.454	11,6
Assalariado	3.714	18,0	3.653	29,8	2.843	22,7
Volante	1.854	9,0	1.789	14,6	1.874	14,9
Subtotal	20.583	100,0	12.259	100,0	12.551	100,0
Total	51.212	-	35.723	-	40.743	-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

que apenas trabalham e não estudam perdem na formação de seu capital humano e na sua renda futura, mais do que aquelas que trabalham e estudam¹⁶. O crescimento da ocupação com relação de assalariamento deve, portanto, ser motivo para preocupação e de incentivo à continuidade dos esforços de combate ao trabalho infantil.

¹⁶CARDOSO, E. Trabalho infantil no censo de 2000. **Valor Econômico**, São Paulo, 28 maio 2003.

Para as categorias de trabalho pesquisadas no levantamento sistemático IEA/CATI¹⁷, constatou-se queda dos salários rurais de novembro de 2000 para novembro de 2002. Entre

¹⁷As informações foram obtidas por meio de levantamento subjetivo, realizado junto aos técnicos das Casas de Agricultura de todos os municípios do Estado de São Paulo, nos meses de abril e novembro. O levantamento abrange seis categorias de trabalho: administrador, tratorista, mensalista, capataz, diarista e volante.

os trabalhadores com recebimento mensal, os percentuais de decréscimo mais significativos foram observados para tratorista (-2,6%) e administrador (-2,2%). Percentual menor foi verificado para mensalista (-0,6%), enquanto o salário da categoria capataz permaneceu nos mesmos patamares de 2000. Para as categorias de trabalho com recebimento diário, volantes e diaristas, os decréscimos também foram representativos, ou seja, -2,2% e -3,0%, respectivamente (Tabela 4 e Figuras 1 e 2).

No período avaliado, observou-se recuperação salarial em abril de 2001 para todas as categorias (exceto volantes), com destaque para capataz, cujo acréscimo foi de 5,5%; para administrador, mensalista e tratorista os acréscimos foram de 2,8%, 2,3% e 0,6%, respectivamente. A partir de então os salários reais decresceram. Vale lembrar que são realizados dissídios para o estabelecimento de pisos salariais entre a Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo (FETAESP) e o setor patronal, basicamente com três tipos de acordos, para cana-de-açúcar, para laranja e para culturas diversas e pecuária. Muitos sindicatos de trabalhadores e de empregadores acordam, em suas respectivas bases territoriais, pisos salariais diferentes daqueles do acordo entre as federações, geralmente com valores superiores. Caso haja um aumento do salário mínimo, de maneira que supere o salário estabelecido entre as Federações, considera-se o novo salário mínimo vigente¹⁸.

Além da ocupação agrícola, a partir de novembro de 2000 o levantamento sistemático sobre demografia e mercado de trabalho rural passou a coletar informações sobre ocupações em atividades não-agrícolas¹⁹, apontando, no período considerado, crescimento de 38,8%, com maior destaque para as atividades desenvolvidas nas UPAs (49,1%), onde as industriais foram responsáveis por 77,8% e 84,2% do total ocupado em junho e novembro de 2002, respectivamente. Este comportamento está relacionado tanto ao processamento industrial da matéria-prima nas usinas de açúcar e destilarias, como em extratoras de suco de laranja, fábricas de laticí-

nios e outras grandes instalações. Há ainda o beneficiamento ou transformação, em bases artesanais, de matérias-primas vegetais ou animais, próprias ou adquiridas de outros produtores, nas propriedades rurais para a venda externa. Embora este último conjunto de atividades represente ocupação menor, em termos quantitativos, constitui alternativa relevante para complementação da renda familiar (Tabela 5).

A ocupação de pessoas que residem na UPA em atividades industriais e de serviços na cidade apresentou oscilações durante o período considerado, variando de um máximo de 24.641 pessoas em novembro de 2001 a um mínimo de 10.415 pessoas em junho de 2002. Em novembro de 2002 houve recuperação no emprego, com um total de 19.745 pessoas (Tabela 5).

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se efetuar a média anual (junho e novembro), as atividades agrícolas e não-agrícolas no Estado de São Paulo ocuparam, respectivamente, 1.299.458 e 1.346.661 pessoas em 2001 e 2002. As estimativas apresentadas mostraram, portanto, recuperação da ocupação rural em 2002 relativamente a 2001, com taxa de crescimento de 3,6%. Do total ocupado, as atividades agrícolas participaram com 90%.

A recuperação do nível de ocupação nas atividades rurais certamente foi influenciada pelos indicadores positivos da agricultura, pois o valor final da produção da agropecuária do Estado de São Paulo em 2002 atingiu R\$ 20,93 bilhões, apresentando crescimento nominal de 20,64% em relação ao ano de 2001. Em termos reais (preços deflacionados pelo IPCA médio de 2002), o crescimento foi de 11,24%²⁰. O comportamento favorável de importantes culturas empregadoras de mão-de-obra, como cana-de-açúcar, laranja e com maior destaque café, constituiu fator preponderante para o crescimento da ocupação e do emprego agrícola em 2002.

De acordo com as informações do 5º levantamento de campo realizado em junho de 2003, a safra agrícola do Estado de São Paulo deve somar 7.008,97 mil toneladas de grãos em

¹⁸Op. cit., nota 10.

¹⁹Referem-se às atividades industriais, às administrativas e às de prestação de serviços, realizadas nas UPAs. Há, também, a questão sobre pessoas ocupadas em atividades industriais e de serviços na cidade, mas que residem na UPA.

²⁰Op. cit. nota 4.

TABELA 4 - Salários Médios Rurais, por Categoria, Estado de São Paulo, Abril de 2001 a Novembro de 2002¹

Categoria	Nov./00	Abr./01	Nov./01	Abr./02	Nov./02
Diarista a seco ²	12,71	12,73	12,57	12,33	12,33
Volante ²	13,13	13,04	13,01	13,01	12,84
Administrador ³	568,82	584,75	577,26	566,40	556,45
Tratorista ³	383,64	385,77	386,25	382,19	373,69
Mensalista ³	281,00	287,42	286,08	286,22	279,20
Capataz ³	376,97	397,83	395,56	396,50	377,22

¹Em real de novembro de 2002, deflacionado pelo IPCA-IBGE.

²Valores expressos em R\$/dia.

³Valores expressos em R\$/mês.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

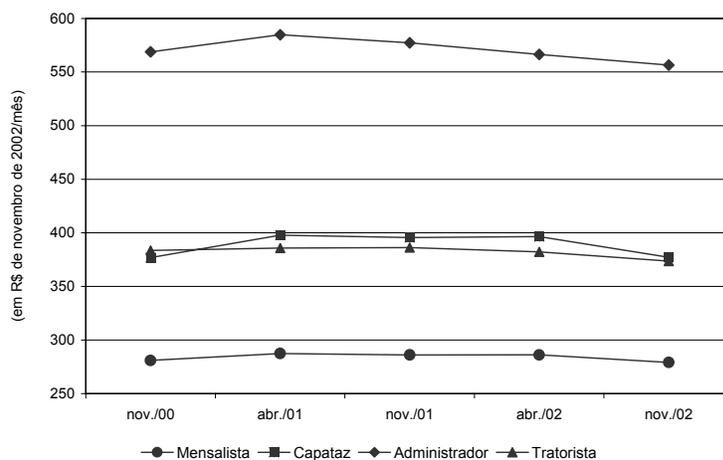


Figura 1 - Evolução dos Salários Rurais no Estado de São Paulo, por Categoria, 2000-02.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

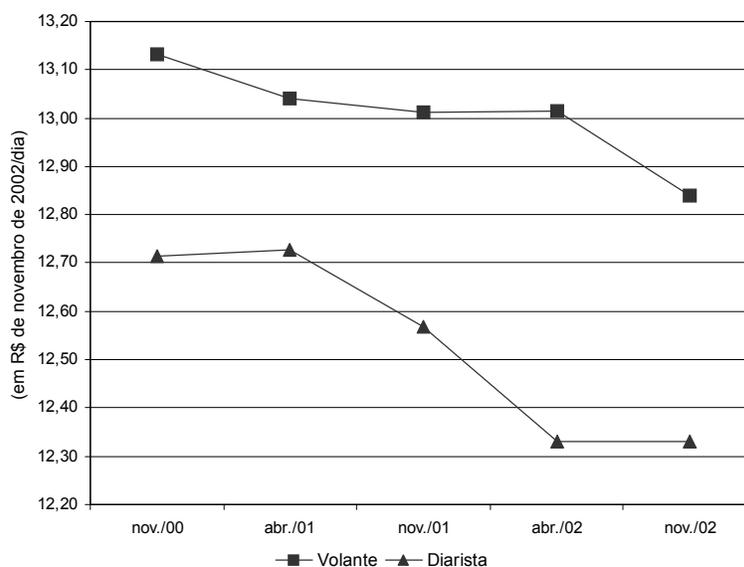


Figura 2 - Evolução das Diárias Pagas aos Diaristas e Volantes, Estado de São Paulo, 2000-02.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

TABELA 5 - Estimativa da População Trabalhadora em Atividades Econômicas Rurais Não-Agrícolas, Estado de São Paulo, 2000-02

Setor	Novembro de 2000		Junho de 2001		Novembro de 2001	
	Número	%	Número	%	Número	%
Atividades industriais ¹	62.514	74,7	78.121	72,1	95.607	84,0
Atividades administrativas ²	9.382	11,2	21.259	19,6	7.685	6,7
Prestação de serviços ³	11.821	14,1	9.024	8,3	10.581	9,3
Subtotal	83.717	100,0	108.404	100,0	113.873	100,0
Atividades industriais e de serviços na cidade	20.461	-	21.179	-	24.641	-
Total	104.178	-	129.583	-	138.514	-

Setor	Junho de 2002		Novembro de 2002	
	Número	%	Número	%
Atividades industriais ¹	92.478	77,8	105.151	84,2
Atividades administrativas ²	18.605	15,6	7.357	5,9
Prestação de serviços ³	7.838	6,6	12.325	9,9
Subtotal	118.921	100,0	124.833	100,0
Atividades industriais e de serviços na cidade	10.415	-	19.745	-
Total	129.336	-	144.578	-

¹Pessoas residentes ou não na UPA, ocupadas em usina de açúcar, de leite, olarias, etc.

²Pessoas residentes ou não na UPA, ocupadas em empresas agroindustriais.

³Pessoas residentes ou não na UPA ocupadas em pesqueiros, hotelaria, turismo, etc.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

2002/03, o que representa acréscimo de 8,91% em relação ao ano anterior, de 6.435,61 mil toneladas. Os resultados para os índices agregados mostraram queda de aproximadamente 2 pontos percentuais na produtividade da terra e estabilidade na produção, com a elevação da área plantada (4,26%), comparativamente ao ano agrícola 2001/02²¹.

São esperados acréscimos de área e de produção para algodão (10,6% e 17,0%, respectivamente), milho (1,9% e 10,3%) e soja (8,7% e 5,4%). Retrações de área e de produção (7,1% e 1,5%) foram registradas para arroz, porém com expectativa de produtividade maior que a obtida na safra passada (6,0%). Para cana-de-açúcar, as previsões para 2002/03 são de elevações na área (5,9%), reflexo da implantação de novas usinas, na produção (5,0%) e no rendimento (2,4%), relativamente ao ano agrícola anterior, proporcionadas pelas condições climáticas adequadas à cultura. Para a cafeicultura, os dados indicaram manutenção na área e forte queda no rendimento, em consequência do ciclo bianual da cultura e das condições climáticas desfavoráveis.

A safra de laranja em São Paulo deve

atingir 333,06 milhões de caixas de 40,8kg, queda de 7,9% em relação à passada (de 361,7 milhões de caixas), causada pela estiagem nas principais regiões produtoras ao longo do segundo semestre de 2002 e pelas elevadas temperaturas em dezembro, prejudicando a floração e provocando a quebra de safra paulista. A área plantada teve redução de 0,3%. Estimativas preliminares sobre as culturas de inverno - batata e feijão de inverno, milho, soja safrinha e trigo - indicaram acréscimos, em comparação a 2001/02, de 1,78% na área e de 29,5% na produção.

A partir desse quadro referencial, esperam-se alterações na ocupação de mão-de-obra em decorrência, principalmente, das previsões menos favoráveis das colheitas de café e de laranja. Porém, para se compor o panorama geral do emprego agrícola 2002/2003, deverá ser considerado o desempenho das demais atividades, dentre as quais as frutíferas e as olerícolas.

²¹CASER, D. V. et al. **Previsões e estimativas das safras agrícolas no estado de São Paulo, ano agrícola 2002/03, 5º levantamento, junho de 2003.** Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2003.